

## A EXPERTISE DE AFRO DO AMARAL FONTOURA NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA GUANABARA

### THE EXPERTISE OF AFRO AMARAL FONTOURA IN GUANABARA TEACHER TRAINING COURSES

DENISE MEDINA FRANÇA\*  
PAULO ROBERTO CASTOR MACIEL\*\*

#### RESUMO

O artigo investiga se o professor Afro do Amaral Fontoura pode ser considerado um *expert* da matemática escolar em tempos de Escola Nova, e quais foram os saberes objetivados por ele para ensinar matemática nas series iniciais. O referencial teórico metodológico utiliza os conceitos de: saberes profissionais, matemática para ensinar e matemática a ensinar e *expert*. A partir das fontes encontradas no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro<sup>1</sup>, verificamos que Fontoura se enquadra na categoria de *expert* da educação no estado da Guanabara. E um saber objetivado pelo referido professor estava relacionado ao ensino de aritmética.

**Palavras-chave:** *Expert*. Afro do Amaral Fontoura. Escola Nova.

#### ABSTRACT

*The article investigated whether teacher Afro do Amaral Fontoura can be considered an expert in school mathematics in time of New School, and which were the objectified knowledge by him for teach mathematics in the initial series. The theoretical methodological reference used in the research is based on the concepts of: professional knowledge, mathematics to teach and mathematics for teach and expert. From the sources found in the the Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, we found that Fontoura falls into the category of expert in the education in the state of Guanabara. And a objectified knowledge by that teacher was related to teaching of arithmetic.*

**Keywords:** *Expert*. Afro do Amaral Fontoura. New School.

---

\* Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: denisemedinafranca@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1649-5816>

\*\* Professor Doutor da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: prcastor@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5558-8874>

<sup>1</sup> Diferentes denominações do ISEJ: Escola Normal da Corte (1880 a 1889), Escola Normal do Distrito Federal (1889 a 1932), Instituto de Educação (1932 a 1960), Instituto de Educação da Guanabara (1960 a 1975), Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1975 a 1990) e Instituto Superior do Estado do Rio de Janeiro (a partir de 1997). (Texto elaborado pelos autores a partir de documentos encontrados no Centro de Memória da Educação Brasileira - CMEB).

## INTRODUÇÃO

A partir de 1874 iniciou-se um processo de implementação de escolas normais no Rio de Janeiro, quando essa cidade correspondia ao Município Neutro<sup>2</sup>. No ano de 1880 surgiu a Escola Normal da Corte, sendo renomeada em 1889 como Escola Normal do Distrito Federal. Em 1932 a instituição foi transformada em Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ)<sup>3</sup> e atualmente constitui o Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ).

A fundação da referida escola é considerada um marco para a formação docente das séries iniciais e, com a sequência de fatos da época, verificamos um possível lastro em termos da historicidade da formação docente na cidade do Rio de Janeiro. A partir desse lócus e numa perspectiva histórica, propomo-nos a abordar questões referentes à formação didático-metodológica de professores que ensinam matemática nas séries iniciais, tomando por ponto de partida obras que circularam nessa instituição<sup>4</sup> no período de 1950 a 1970, em particular as do professor Afro do Amaral Fontoura.

Durante as primeiras décadas do século XX, a educação passou ser vista a partir de um modo científico. Dentro dessa concepção, Valente (2015) emprega o termo Pedagogia Científica para nomear um modo de pensar a educação e conduzir os ensinamentos no âmbito do movimento renovador designado por Escola Nova, justificado por ingredientes da psicologia experimental e pela aferição estatística. Dentro desse contexto, inferimos que houve mudanças na cultura escolar<sup>5</sup> em decorrência dos ideais escolanovistas, ao propagar que lecionar em classes homogêneas facilitava a aprendizagem, além de utilizar a classificação por testes, o que podemos verificar até a contemporaneidade.

Nesta investigação, tomamos a perspectiva baseada nos saberes docentes. Valente (2017, p. 202) questiona quais saberes profissionais devem estar presentes na formação do profissional docente. Consideramos que o estudo histórico da constituição desses saberes pode elucidar como foi produzida a representação dos saberes de referência para essa profissão, assim como os *experts*, para defini-los, produzi-los e fazê-los circular por meio de suas obras, cursos, etc., ou seja, analisamos em perspectiva histórica a constituição de saberes envolvidos na formação de professores. Segundo Valente (2015), tais saberes são considerados sob novas bases conceituais tendo em conta “saberes objetivados”, isto é, saberes que se institucionalizam ao longo do tempo, em termos de saberes explícitos, formalizados, transmitidos e incluídos intencionalmente na formação de professores.

Nesse sentido, esse estudo se interessa em discutir a *expertise* de Fontoura<sup>6</sup> em educação e a produção dos saberes profissionais como categorias para auxiliar nas análises, visto que é:

[...] a noção de *expertise*: uma instância, em princípio reconhecida como legítima atribuída a um ou a vários especialistas - supostamente distinguidos pelos seus conhecimentos, atitudes, experiências, a fim de avaliar um fenômeno, de constatar fatos. Esta *expertise* é solicitada pelas autoridades do ensino tendo em vista a necessidade

2 Não se pode precisar ao certo a origem de “Município Neutro”, mas, ela evidencia o estatuto político da cidade a partir do período regencial. A Constituição outorgada em 1824 teve uma emenda aprovada pela Lei nº 16, de 12 de agosto de 1834, durante o período das Regências e, entre importantes transformações, o Ato Adicional de 1834 criou o *Município Neutro* (uma cidade livre do raio de ação dos poderes provinciais que então se estabeleciam), formado pela cidade do Rio de Janeiro e seu termo (limites), independente da província do Rio de Janeiro, cuja capital seria Niterói. A nova ordenação política fundava uma cidade-sede do poder imperial. (MULTIRIO, 2011).

3 Neste artigo utilizaremos apenas Instituto de Educação, como é carinhosamente conhecido.

4 Obras de Alfredina de Paiva e Souza, Irene de Albuquerque, Ismael França Campos e Rizza Araújo Porto, entre outros.

5 Consideramos cultura escolar como o “conjunto de normas que definem saberes a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses saberes e a incorporação desses comportamentos, normas e práticas que são subordinadas a finalidades que podem variar segundo as épocas” (JULIA, 2001).

6 Para evitar a repetição, iremos em alguns momentos do artigo nos referirmos ao professor Afro do Amaral Fontoura como Fontoura.

de tomar uma decisão. [...] a solicitação de *expertise* participa decididamente da produção de novos saberes no campo pedagógico (HOFSTETTER; SCHNEUWLY; FREYMOND, 2017, p. 57).

Assim, podemos considerar a *expertise* como uma ação do especialista em educação em uma instituição aliando saberes da profissão com os da disciplina. O especialista, de alguma maneira, é chamado pelo Estado a resolver problemas técnicos. A esse especialista damos o nome de *expert* e, para que ser categorizado como tal, identificamos como necessário cumprir as seguintes condições:

- 1) Participação em uma função no aparelho estatal por indicação política e contribuição com a produção de programas, avaliações ou na resolução de algum problema educacional;
- 2) Reconhecimento pelos pares, ou seja, ter recebido destaque por um grupo de professores, associações ou instituições de ensino, revistas ou jornais especializados;
- 3) Produção e sistematização de saberes;
- 4) Circulação dos saberes produzidos.

Dito isso, o objetivo deste artigo é verificar se Afro do Amaral Fontoura<sup>7</sup> pode ser enquadrado na categoria de *expert*, além de caracterizar como são constituídos os *experts* que, de alguma maneira, determinam a *matemática para ensinar* nos cursos de formação de professores. Dessa forma, este estudo norteia-se pelas seguintes questões: Que vestígios nos possibilitam afirmar que Afro do Amaral Fontoura foi um *expert* para o curso de formação de professores que ensinam matemática nas séries iniciais no período de 1950 a 1970, com ideias escolanovistas? E quais foram os saberes objetivados para o ensino de matemática por Fontoura?

Ressaltamos que o texto é parte do estudo desenvolvido no Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática (GHEMAT) sobre os saberes para ensinar<sup>8</sup>, que há dois anos tem dedicado esforços para analisar os saberes específicos para a profissão de ensinar e pautado suas pesquisas nas sistematizações pela Equipe de Pesquisa em História das Ciências da Educação (ERHISE)<sup>9</sup> da Universidade de Genebra, na Suíça. Os trabalhos do grupo suíço revelam uma caracterização dos saberes *a ensinar* e dos saberes *para ensinar*, relacionada com o fato de o primeiro ser produzido pelos diferentes campos científicos e o segundo ser um saber relacionado com o exercício da docência (BERTINI; MORAIS; VALENTE, 2017, p. 11).

## O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO NO PERÍODO DA ESCOLA NOVA

Podemos dizer que o chamado movimento escolanovista surgiu em decorrência das novas demandas da sociedade mundial, particularmente da brasileira, nas primeiras décadas do século XX (VILLELA *et al.*, 2016). As transformações da sociedade exigiam uma nova formação, em harmonia com a mobilidade social que estava se constituindo. Esse movimento pedagógico tinha como pressuposto que o melhor programa de ensino seria aquele que aliasse as necessidades da Psicologia Infantil com as da organização escolar, “cabendo ao professor moldar o programa ao meio e ao grupo de alunos” (SOUZA, 2009, p. 184).

7 A escolha do professor Afro do Amaral Fontoura para escrevermos esse artigo se deu pela quantidade de exemplares adquiridos de livros pela biblioteca do IERJ na década de 1960.

8 Sobre *saberes a ensinar e para ensinar* ver HOFSTETTER, R.; SCHNEUWLY, B., 2009.

9 Para maiores informações sobre o grupo de pesquisa acessar: <https://cms.unige.ch/fapse/SSE/erhise>.

As orientações metodológicas baseadas nos princípios escolanovistas indicavam a valorização de itens como: a experiência, a observação, o trabalho em cooperação e atividades como jogos e excursões, tendo como um dos princípios desenvolver os programas de ensino com base nos centros de interesse<sup>10</sup>, cujo objetivo era integrar as matérias de ensino. Para isso, recomendavam o método ativo, que Lourenço Filho descreve como sendo aquele no qual

[...] os alunos são levados a aprender observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas que lhes sejam apresentadas, quer em relação a um ambiente de coisas, de objetos e ações práticas, quer em situações de sentido social e moral, mediante ações simbólicas. (LOURENÇO FILHO, 1963 apud SOUZA, 2009, p. 189).

Vale ressaltar o deslocamento do protagonismo do processo para o aluno com participação na descoberta dos conhecimentos, por meio de métodos de projetos e centros de interesse, o que caracterizava a chamada “Escola Ativa”. Lourenço Filho, ao publicar *Introdução ao estudo da Escola Nova*, defende a aprendizagem segundo a escola ativa “que concebe a aprendizagem como um processo de aquisição individual, segundo as condições personalíssimas de cada discípulo” (LOURENÇO FILHO, 1978, p.151).

Consideramos o Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ) como um centro de constituição de profissionais de destaque da educação, devido a sua relevância na formação de profissionais da educação, especialmente professores. Lembramos também que, no período explanado, os ideais escolanovistas circulavam em todos os campos da sociedade. Dessa maneira, precisamos construir, minimamente, a conjuntura das lutas de representação dos docentes e os contextos de sustentação da instituição que podem ter facilitado a circulação dos *saberes para ensinar*, propostos nos manuais didáticos<sup>11</sup>, elaborados por professores do Instituto de Educação, fundamentados na Escola Nova. Para alargar as possibilidades do estudo, buscamos montar o cenário de produção, enfocando a atuação profissional de Fontoura e o ideário escolanovista posto a circular em seus manuais.

Em 1960, com a fundação de Brasília houve a transferência da capital federal para lá e, com isso, uma nova conformação para o espaço da cidade do Rio de Janeiro se configurou, surgindo uma nova estrutura federativa: o Estado da Guanabara. Para melhor situar o leitor é necessário ressaltar as mudanças ocorridas no espaço geográfico do que significou e hoje significa “Rio de Janeiro”, dependendo do contexto político da época (FRANÇA; VILLELA, 2015), como demonstrado na figura a seguir:

---

10 Em terras brasileiras, Lourenço Filho e Abner de Moura foram os divulgadores da proposta de Ovide Decroly de que o ensino deveria partir dos centros de interesses. O livro de Abner de Moura, de 1931, *Os Centros de Interesse na Escola: sugestões para lições globalizadas segundo o sistema Decroly* teve prefácio de Lourenço Filho e compunha a Biblioteca da Educação (CAMARGO, 2000, p. 111).

11 Esclarecemos ao leitor que para a construção desse texto consideramos o termo “manual didático” como um tipo de livro didático dirigido aos cursos de formação de professores primários com o objetivo de dar aos futuros docentes subsídios para ensinarem determinado tipo de conteúdo.

**Figura 1 - O Rio de Janeiro e as Alterações Políticas Administrativas**

O "Rio de Janeiro": espaços geográficos e as alterações político-administrativas

	Espaço geográfico	
	Cidade do Rio de Janeiro	Atual Estado do Rio de Janeiro, sem a Cidade do Rio de Janeiro
Alterações político-administrativas		
até 11/8/1834	Província do Rio de Janeiro	
Da Lei nº 16, de 12/8/1834, até 23/2/1891	Município Neutro	Província do Rio de Janeiro
Da Constituição da República, 24/2/1891, até 13/4/1960.	Distrito Federal	Estado do Rio de Janeiro
Da Lei 3.752, 14/4/1960, até 30/6/1974	Estado da Guanabara	Estado do Rio de Janeiro
Da Lei Complementar nº 20, de 17/1/1974, até os dias atuais	Estado do Rio de Janeiro	

Fonte: FRANÇA; VILELA (2015).

De posse dessas informações, anunciamos que o espaço temporal do presente trabalho inicia-se no período em que o Estado do Rio de Janeiro denominava-se Distrito Federal e depois Estado da Guanabara, instituído a partir de 1960. Com relação à fundação do Instituto de Educação (IE) e posteriormente Instituto de Educação da Guanabara (IEG), nomes da instituição durante o período estudado, constatamos que houve várias tentativas de a instituição se instalar onde está até hoje.

Em 1932, Lourenço Filho, um dos maiores defensores das ideias escolanovistas, foi nomeado o primeiro diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, unificando em um só estabelecimento a antiga Escola Normal e escolas anexas (jardim de infância e escola de aplicação). A proximidade dos diferentes segmentos de ensino propiciou muitas experiências metodológicas e constituição de saberes da docência, visto que o jardim de infância e a escola primária destinavam-se à observação, experimentação e prática de ensino por parte dos futuros docentes. Em 1937, ele deixou a direção e permaneceu como professor de Psicologia Educacional na Escola de Professores, onde ficou até 1938, ano em que assumiu a direção do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP). O fato de Lourenço Filho ter sido defensor das ideias escolanovistas e diretor do IERJ pode ter incentivado professores que lá trabalhavam a exercer sua *expertise* na instituição, já que eram grandes conhecedores de seu ofício. Consideremos que a grande maioria dos professores<sup>12</sup> do Instituto de Educação, na época, defendia essas ideias por meio da elaboração de manuais didáticos e em sua utilização com os futuros docentes.

Outro item a considerar refere-se à Lei Orgânica de 1946<sup>13</sup>, pois foi a base do Regulamento do Ensino Normal do Instituto de Educação, divulgado em agosto de 1946, e também do Regulamento do Ensino Normal do Distrito Federal, de 1948, que organizou não somente o curso do Instituto de Educação, como também da recém-criada Escola Normal Carmela Dutra e das escolas normais particulares.

12 Profissionais como: Alfredina de Paiva Souza, Irene de Albuquerque e Ismael de França Campos, todos do Instituto de Educação do Distrito Federal (VILLELA *et al.*, 2016).

13 Lei Orgânica do Ensino Normal, em 1946, regulamentou mudanças. A partir de 1946 as diretrizes são centralizadas pelo governo federal, devendo o ensino normal em todo o território nacional adotar as seguintes finalidades: promover a formação do pessoal docente necessário às escolas primárias; habilitar administradores escolares destinados às mesmas escolas; desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância. (MARTINS, 2000).

Martins (2000) aponta que a Lei Orgânica agregou mais uma finalidade ao Instituto de Educação: a de promover a especialização e aperfeiçoamento do magistério. Além disso, adicionando uma dimensão enciclopédica e humanista, reforçou as atividades paraescolares e extracurriculares para possibilitar maior sociabilidade e cooperação das alunas, mantendo o curso destinado às mulheres, composto por jardim de infância, grupo escolar, ginásio, curso de formação de professor primário e cursos de administração escolar. Nessa perspectiva de cursos de especialização, muitos professores da instituição produziram manuais didáticos utilizados por seus alunos e por professores, que desejavam orientações sobre as ideias escolanovistas.

Correia e Silva (2003) assinalam que, durante os anos de 1940 e 1970, houve uma grande produção de manuais didáticos para professores, favorecida pelo surgimento da indústria editorial brasileira, sendo utilizados textos de autores nacionais que atuavam como professores nas escolas normais ao invés de manuais estrangeiros, como ocorrera no Brasil em décadas anteriores.

Assim configurado, inferimos que esses docentes do Instituto de Educação produziram saberes profissionais e os fizeram circular por meio de seus *manuais didáticos*<sup>14</sup>, sendo suas ideias e prescrições para o exercício profissional do professor anunciadas, em grande medida, por todas as escolas normais do País. Desse modo, podemos levantar a hipótese que tais docentes eram *experts*, pois conheciam bem seu ofício e nele se destacavam, alinhando saberes da profissão com os da disciplina. Tal fato pode ser evidenciado quando percorremos a história da fundação do Instituto de Educação<sup>15</sup>: desde sua criação, a Escola Normal do Estado do Rio de Janeiro abrigava docentes que se destacavam como renomados autores de livros e manuais.

Villela (2008, p. 29) realça a importância do surgimento das escolas normais, visto que:

[...] tais instituições foram responsáveis por uma mutação sociológica sem precedentes, por tornarem possível a constituição de um corpo de funcionários públicos treinados para exercer funções que antes eram monopólio do campo religioso ou de mestres despreparados que em geral exerciam o magistério como uma ocupação secundária.

O período deste estudo relaciona-se ao reconhecimento do valor atribuído às publicações elaboradas pelos professores do Instituto, num período de expansão e emergência das ideias advindas do Movimento da Escola Nova, por isso pode fornecer subsídios para problematizar o contexto atual e propor alternativas. Ressaltamos que a época era de transformações nas ideias de como se ensina e se aprende, acarretando demanda pelos professores às novas ideias trazidas pelos escolanovistas, assim como grande procura aos manuais didáticos<sup>16</sup>.

Com relação aos métodos de ensino, nos tempos da Escola Nova, notam-se as estreitas relações da Psicologia com a Pedagogia. Dessa forma, condicionavam-se as atividades ao desenvolvimento das potencialidades dos alunos, com a utilização de recursos materiais distintos em sala de aula para auxiliar a aprendizagem do aluno. Assim, com a crescente articulação dessas áreas, percebe-se a

14 Maiores esclarecimentos, consultar Livros Didáticos e Manuais Pedagógicos - UFSC - Repositório Institucional. Disponível em: <https://bit.ly/2PPdq3t>. Acesso em: 01 dez.2017.

15 A escola surgida em 1880, enquanto a cidade do Rio de Janeiro ainda correspondia ao Município Neutro, que após algumas mudanças de instalações, em 1930, se instalou no prédio da Rua Mariz e Barros, onde atualmente se encontra Instituto Superior do Estado do Rio de Janeiro. O nome da instituição mudou ao longo deste período: Escola Normal da Corte (1880 a 1889), Escola Normal do Distrito Federal (1889 a 1932), Instituto de Educação (1932 a 1960), Instituto de Educação da Guanabara (1960 a 1975), Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1975 a 1990) e Instituto Superior do Estado do Rio de Janeiro (a partir de 1997). (SALVADOR, 2017)

16 Ver Biblioteca didática brasileira: o manual de testes e as propostas escolanovistas em cursos de formação de professores (1950-1970) - UFSC - Repositório Institucional. Disponível em: <https://bit.ly/34zFEn6>. Acesso em: 01 dez.2017.

ascensão da Pedagogia Científica, com a Psicologia Experimental referenciada pelos processos estatísticos de medida penetrando na prática de testes nas escolas.

Levantamos a hipótese de que os professores do Instituto de Educação, entre 1940 e 1970, poderiam ser considerados como intelectuais, visto as redes de sociabilidade nas quais esses professores transitavam. Identificamos que as experiências vivenciadas pelos docentes do Instituto, nas quais estão diretamente envolvidos os espaços frequentados, profissionalmente ou pessoalmente - isto é, com quem eles se relacionavam, sobre o que dialogavam, o que produziam e situações outras, onde o contato com outros atores sociais se fazia presente - foram fundamentais para o destaque que tais profissionais do Instituto de Educação ganharam frentes a outros professores e instituições governamentais, o que pode ter contribuído para o fato de alguns deles ocuparem cargos de chefia em instituições públicas.

Gurgel (2016, p. 77) afirma que as redes de sociabilidade são “as plataformas que possibilitam a ascensão ou provocam a queda de ideias produzidas por determinados conjuntos sociais e, mais do que isso, são as portas de entrada que os levam a alcançar o *status* intelectual”. De acordo com o referido autor, o percurso de sociabilidade dos docentes supracitados iniciou-se a partir da década de 1930, quando conseguiram ingressar no Instituto de Educação como alunos, pois os alunos desta instituição se destacavam dentre os normalistas de outras instituições e conseguiam oportunidades para ingressar no ensino superior. Para confirmar tal fato, realizamos uma consulta na Hemeroteca Digital Brasileira e encontramos várias ocorrências com os professores do Instituto de Educação. Dentre os destaques, verificamos notícias referentes ao lançamento de livros, à dispensa de trabalho para realização de curso no exterior, a homenagens feitas por alunos, à participação em Congressos, à realização de cursos de formação, entre outros. Como exemplo, citamos a pesquisa realizada com o nome da professora Irene de Albuquerque, entre 1940 e 1969, que apresentou 425 ocorrências com o nome da docente.

Com a finalidade de entender e comprovar a importância dos cursos de especialização oferecidos pelo Instituto de Educação a professores docentes, consultamos os cursos do CFPEN (Centro de Formação de Professores para o Ensino Normal) no período estudado em que o Instituto de Educação se chamava IEG (Instituto de Educação da Guanabara), analisando apenas a bibliografia, e um dos fatos sinalizados foi o privilégio na indicação de autores escolanovistas. Presumimos que, para aprofundamento desse tema, futuramente seria interessante verificar o planejamento de tais cursos.

Chartier (1991) salienta que a representação no ensino é construída, transformada e apropriada. Dessa forma, podemos inferir que as ideias da Escola Nova podem ser percebidas em livros e textos quando seus autores se apropriavam - faziam a sua própria leitura - de algumas orientações que permeavam essa vaga pedagógica. Percebemos nos manuais didáticos: a tentativa de cientificizar a escola por meio de testes psicológicos para aferição de aprendizagem e a avaliação da eficiência do ensino; a centralidade na criança, além da aquisição de materiais para auxílio do professor na prática docente. Com relação à didática, identificamos a introdução de outros métodos, não só os empíricos do intuitivo, na condução do ensino do cálculo, partindo do centro de interesse da criança, com a introdução de jogos. O ensino agora deveria ser sistematizado e racional, visando o não desperdício de tempo.

## AFRO DO AMARAL FONTOURA E SUAS OBRAS

**Figura 2 - Afro do Amaral Fontoura**



Fonte: TADEI (2016, p. 15).

Afro do Amaral Fontoura nasceu em 1912, na província do Rio de Janeiro, graduou-se em Filosofia pela Universidade do Brasil, quando a capital do país encontrava-se no Rio de Janeiro, e especializou-se em Sociologia nos Estados Unidos. Era filho de Ubaldino do Amaral Fontoura e Rosa Cândido do Amaral, casado com Cleonice Ivone dos Santos Pinheiro, teve uma filha, Glória Maria Pinheiro, e morreu em 1987 (TADEI, 2016).

A partir de uma pesquisa na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, encontramos 175 ocorrências com o nome do referido docente e, a partir das notícias encontradas, produzimos uma linha do tempo.

Verificamos que Fontoura, sendo formado em Magistério, trabalhou como professor em várias escolas normais, iniciando na carreira docente aos 17 anos (TADEI, 2016). Depois de graduado pela antiga Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil ministrou aulas nas principais Faculdades do Estado. Encontramos notícias sobre sua atuação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) em 1950 e 1951; na Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ em 1956, em que recebeu a medalha Marechal Hermes como professor da instituição; na Universidade Santa Úrsula (USU), na Faculdade de Serviço Social do Distrito Federal e na Escola do Comando Maior do Exército (ECEME), em que participou de várias comemorações em 1952, 1953; ainda, exerceu a presidência da ABE - Associação Brasileira das Escolas Normais na década de 1960 em que promoveu vários eventos, além de presidir o 1º Congresso Brasileiro de Ensino Normal, realizado no Rio de Janeiro (FRANÇA, 2018).

Entre as obras importantes de Fontoura, podemos citar as seguintes: *Aspectos da Vida Rural Brasileira*, *Dicionário Enciclopédico Brasileiro*, *Didática Geral*, *Didática Especial da Primeira Série*, *Educação Cívica e Calendário Cívico*, *Fundamentos da Educação*, *Introdução a Sociologia*, *Introdução ao Serviço Social*, *Manual de Testes*, *Metodologia do Ensino Primário*, *O Drama no Campo*, *O Planejamento no Ensino Primário*, *O Ruralismo: Base da Economia Nacional Programa de Sociologia*, *Prática de Ensino*, *Psicologia Geral*, *Sociologia Educacional*. Nesse conjunto de obras,



verificamos uma diversidade de temas, também observada em outros autores de manuais, o que caracterizava uma formação ampla e geral nesse tipo de autor de professores polivalentes.

Apesar de ter sido um dos autores mais expressivos no período, divulgando os princípios da Escola Nova em publicações da Editora Aurora, com coleções de manuais destinados à formação de professores, com diversas edições e grandes tiragens, com um discurso que apresentava preocupações com a formação de professores, há escassez de trabalhos sobre a repercussão nos cursos de formação de professores e seu nome é pouco lembrado em teses e dissertações.

Além da atuação como docente e autor de livros, Fontoura foi escolhido para ser responsável pela Biblioteca Didática Brasileira da Editora Aurora. A escolha para o cargo ocorreu por dois motivos:

- 1) as publicações estão destinadas especialmente para o Ensino Normal; 2) Amaral Fontoura é um professor que vem defendendo há muito tempo essa renovação no Ensino Normal e, além disso, reúne duas qualidades raramente encontradas juntas: “profundo conhecimento teórico da Pedagogia, ao lado de um admirável espírito prático, objetivo”. (MACIEL, VIEIRA; SOUZA, 2012, p. 240).

A partir dessa citação, verificamos a importância do autor pelo reconhecimento por sua atuação profissional e pela evidência da sua *expertise* no campo da educação. Além dessa atuação, destacamos sua produção do programa de Aritmética para o Estado da Guanabara no ano de 1965, como mostra a Figura 3, indicando a participação de Fontoura na aparelhagem estatal para resolução de um problema, situado no campo programático da disciplina de Matemática para as séries iniciais.

**Figura 3** - Síntese do Programa do Ensino Primário (Aritmética) de 1965.

2º ano escolar (antigo 1º ano)	Prioridade na ideia de contagem; agrupamentos em dezenas; as operações de adição e subtração elementares abordadas concomitantemente, com resultados até 99. Noção do zero como ausência, abordado posteriormente, quando é explorado o conceito de dezena. Resolução de problemas relacionados com a vida prática.
3º ano escolar (antigo 1º ano)	Revisão dos conhecimentos anteriores de contagem; generalização das noções de pares e ímpares; contagem até 1000. Técnicas de cálculo mental; adição até 3 parcelas e subtração como operação inversa; multiplicação como soma abreviada (produto até 9000); ideia objetiva da divisão (quociente até 9). Generalização da noção de fração. Leitura e escrita de frações com denominadores 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8,9. Diferentes tipos de sequências.
4º ano escolar (antigo 1º ano)	Revisão geral. Contagem até o milhão. Multiplicação por multiplicador até 3 algarismos; Divisão com processo longo com divisor até 2 algarismos. Adição e subtração de frações. Operações com decimais.
5º ano escolar (antigo 1º ano)	Revisão geral de todos os conteúdos dos anos anteriores com aprofundamento. Cálculo mental.

Fonte: FRANÇA (2016).

Baseando-se nesse quadro, podemos apontar, entre outros fatores, que: no primeiro ano de escolaridade, a prioridade era a contagem; o campo numérico ia alargando-se conforme as séries; o conteúdo de cada série iniciava-se com uma revisão completa da série anterior.

Hofstetter, Schneuwly e Freymond (2017) estabelecem a noção de *expertise* como aquela atribuída a um ou a vários especialistas e reconhecida como legítima. Esses especialistas são distinguidos por seus conhecimentos, atitudes, experiências na análise de uma situação, na avaliação de um fenômeno, na constatação de fatos, ou seja, são *experts* porque conhecem bem seu ofício e nele se destacam, aliando saberes da profissão com os da disciplina.

É fato que a partir da biografia de Afro do Amaral Fontoura poderíamos considerá-lo como um *expert*, pois pensamos nele como um indivíduo que conhecia o ofício docente e nele se destacou, tendo um papel fundamental como organizador do corpo dos *experts* do Instituto de Educação. No entanto, faltam-nos alguns argumentos para verificar que produção e circulação de saberes contribuíram para a formação docente especialmente relacionada à Matemática nas séries iniciais e, para isso, analisamos as obras do referido professor, autor de inúmeros manuais didáticos, a fim de procurar responder às indagações antes formuladas.

Para melhor compreender o valor dos livros de Fontoura e suas ideias escolanovistas no IERJ, entrecruzamos fontes como: alguns discursos de educadores que circulavam na Instituição na época, postos em publicações institucionais, notícias na Hemeroteca da Biblioteca Nacional sobre Fontoura, análise do acervo da Biblioteca Histórica do Instituto de Educação, assim como o registro de aquisição de livros e a bibliografia de cursos de extensão realizados na época.

## A MATEMÁTICA A ENSINAR E A MATEMÁTICA PARA ENSINAR NAS OBRAS DE FONTOURA

A partir das considerações elaboradas sobre matemática *a ensinar* e matemática *para ensinar*<sup>17</sup>, aproveitamos para retomar a proposta de investigação sobre os saberes para ensinar produzidos por Amaral Fontoura postos a circular em seus livros. Nesse sentido, tentamos compreender como se articulam de um lado os saberes constitutivos do campo profissional, no qual a referência é a *expertise* profissional (saberes profissionais ou saberes para ensinar) e, de outro, os saberes emanados dos campos disciplinares de referência produzidos pelas disciplinas universitárias (saberes disciplinares ou saberes concernentes aos saberes a ensinar) (BORER, 2009).

Para isso, a obra de Fontoura é analisada na perspectiva da formação dos saberes profissionais - ou seja, o que os *experts*, autores, produziram em grande medida, relacionados à matemática para ensinar - divulgados em sua obra.

Dentro desse contexto procuramos analisar como foram produzidas representações dos saberes para ensinar, que orientam as práticas de professores que ensinam matemática nas séries iniciais e que vigoram até hoje, por meio de duas obras de Fontoura: *Metodologia do Ensino Primário* e *Manual de Testes*, que fazem parte da coleção Biblioteca Didática Brasileira<sup>18</sup>. Essas obras foram escolhidas pelo fato de abordarem a temática relacionada a Matemática na educação primária.

O manual *Metodologia do Ensino Primário* analisado neste trabalho foi publicado em 1961, tem 449 páginas, com dimensões 180 mm x 135 mm, sendo indicado para o segundo e o terceiro ano do Curso Normal. Com relação à sua estrutura, é dividido em duas partes: a primeira sobre a teoria da Escola Nova e a segunda com prescrições de atividades e orientações para a prática do docente. Por sua vez, a segunda parte é subdividida em cinco partes: *Metodologia da Linguagem*, *Metodologia da Matemática*, *Metodologia das Ciências Sociais*, *Metodologia das Ciências Naturais* e *Metodologia do Desenho e dos Trabalhos Manuais*. Neste artigo, analisamos apenas a parte referente à matemática.

Fontoura exhibe na parte introdutória de *Metodologia da Matemática* sua representação de como ensinar. Para sua explanação, dividiu-a em doze itens: *Conceito, importância e compreensão; A Matemática e a nova Pedagogia; Psicologia da Aritmética; Objetivos; Motivação; Direção da aprendizagem da Aritmética; Fixação da aprendizagem; Verificação da aprendizagem; Exercícios e problemas; Jogos*

<sup>17</sup> Seguindo a mesma ideia, a *matemática a ensinar* está “mais diretamente ligada ao campo disciplinar, à matemática” e a *matemática para ensinar* está “articulada à profissão docente” (BERTINI; MORAIS; VALENTE, 2017, p. 9).

<sup>18</sup> Coleção da Editora Aurora foi dirigida por Afro do Amaral Fontoura e estava organizada nas seguintes séries: Série I (A escola viva); Série II (Legislação Brasileira de Educação); (Livros texto para crianças); Série IV - Como aprender brincando (material didático).

e aparelhos; *Tópicos para debate em sala e Bibliografia*, que abordam sobre as concepções de ensino em conformidade com o ideário escolanovista.

No que tange à utilização de jogos, Fontoura salienta sobre o uso excessivo e a falta de objetivo na atividade:

A Escola Antiga tinha horror ao jogo em aula, pois quebrava o silêncio, que era o grande deus a adorar... A Escola Nova abusava dos jogos, pretendendo às vezes até ensinar por meio do jogo. Fiquemos, com a Escola Viva que propomos, no meio termo: nem ausência de jogos nem excesso deles. Preferimos o jogo como técnica de fixação da aprendizagem do que como forma de transmitir ensinamentos, a todo instante. A multiplicação exagerada dos jogos tira o seu interesse, pois tudo que é demais enjoa. (FONTOURA, 1961, p. 226)

A utilização de jogos está relacionada ao protagonismo dado aos alunos nas tarefas, que preconizavam projetos e centros de interesses que estão diretamente relacionados com a chamada Escola Ativa. De acordo com Vidal (2006, p. 11-12), essa proposta se difundiu mundialmente a partir de 1922, sendo apregoadada pelos escolanovistas.

Fontoura fornecia as seguintes orientações para ensinar a matemática:

[...] Motivação - a) Partir do concreto; b) Não dar dados absurdos; c) Partir da experiência da criança; d) Partir das atividades infantis na escola; e) Partir sempre que possível de um projeto; f) Estabelecer pesquisas (FONTOURA, 1961, p. 209-210).

Verificamos também, no livro analisado, que os exemplos de questões tinham enunciados curtos e respostas objetivas. Percebe-se a ênfase no material com: o tempo utilizado na execução das atividades, a sistematização do ensino e padronização, conceitos que estavam mergulhados na representação da vaga pedagógica adotada pelo autor.

O segundo livro analisado foi o *Manual de Testes*, de 1960, que reflete o período de entrada dos testes pedagógicos e psicológicos na escola em geral. Nesse período aconteceu uma série de mudanças no sistema de ensino da Guanabara, destacando-se as propostas de reformulação da estrutura para atender a uma sociedade em desenvolvimento, ocorrendo aumento do número de vagas nas escolas públicas, com transformações na estrutura, no funcionamento, no programa e no currículo de Matemática. Para França (2016), a partir das características apontadas, pode-se considerar que tais itens foram utilizados na produção e na circulação; além disso, houve a utilização de estratégia governamental em complexa correspondência com estratégias políticas e pedagógicas, a fim de programar nova metodologia para o ensino de Aritmética.

O *Manual de Testes* é composto de uma primeira parte, que trata sobre a teoria da Escola Nova, e de outras partes, encarregadas de prescrever atividades e orientar para a prática do professor. O autor inicia o livro trazendo explicações teóricas sobre os testes e, posteriormente, apresenta prescrições metodológicas para aplicação dos testes; além disso, indica maneiras de como classificar os alunos a partir dos parâmetros produzidos (FRANÇA, 2016). Ainda, Fontoura (1960, p. 3) argumenta sobre a necessidade de aplicação dos testes, pois os compreende como um instrumento de avaliação indispensável à aprendizagem, por sua praticidade e objetividade: “Cremos que, igualmente, em todos os Estados brasileiros a verificação do aproveitamento dos milhões de alunos de escolas primárias é feita através de testes”.

De forma detalhada, no manual analisado, é apresentada a teoria sobre os testes, que serve de embasamento para as prescrições práticas, dispostas depois dos capítulos que elucidam a teoria. Fontoura apresenta o conceito de teste, depois exemplifica com vários tipos de testes, e, ainda, introduz para os professores o conceito de idade mental, a distribuição dos níveis mentais, defendendo a necessidade da objetividade na avaliação. Tal teoria é composta por noções de Psicologia, Sociologia, Filosofia e História, campos de estudos largamente defendidos pelos reformadores e, portanto, em conformidade com alguns preceitos centrais escolanovistas. Fontoura julga importante a avaliação do nível mental na escola, relacionando-a com o êxito na vida pessoal, afirmando que essa avaliação representa uma enorme economia de tempo, de dinheiro e, sobretudo, de “energia nervosa” do professor que, muitas vezes, gasta seu tempo tentando ensinar coisas que certos alunos não conseguirão aprender por conta do baixo QI (coeficiente intelectual), por isso os testes psicológicos são indicados para serem aplicados no ingresso das crianças na escola, tendo como objetivo a organização das classes de maneira homogênea: “selecionar as crianças segundo o seu nível de maturidade, isto é, segundo sua capacidade para iniciar ou não a aprendizagem” (FONTOURA, 1960, p. 133).

Ainda, na segunda parte do manual analisado, intitulada *Testes Pedagógicos*, há exemplos de testes objetivos que podem ser aplicados, como exame de provas finais. Dentre eles, há modelos de provas objetivas, com informações detalhadas, em que são demonstradas as técnicas de elaboração, organização e correção das provas e testes (FRANÇA, 2016). Aqui Fontoura apresenta a descrição dos passos para que o docente avalie e verifique a aprendizagem dos alunos. Desse modo, o *Manual de Testes* possui a teoria explicativa e, posteriormente, propõe soluções práticas para o cotidiano da sala de aula. As prescrições para as provas finais são dadas com números que indicam o percentual de respostas corretas obtidas no total de alunos submetidos à prova. A partir das porcentagens de acertos obtidos, as questões podem ser classificadas em fáceis (F), médias (M) e difíceis (D). Nos testes identifica-se uma preocupação com a gradação do ensino, já que as questões devem ser distribuídas convenientemente de acordo com a aprendizagem por todo o ano letivo, em etapas de crescente dificuldade, como recomendava Fontoura.

A circulação dos manuais de Fontoura no Instituto de Educação pode ser certificada pelo registro de compras da Biblioteca do CFPEN e da Biblioteca Histórica do Instituto de Educação, a que tivemos acesso nos acervos do CMEB. O exercício de pesquisa arquivística proporcionou a constatação de que tais manuais na instituição tinham uma grande quantidade de exemplares adquiridos pela Biblioteca do Professor da Instituição e um grande acesso pelo número de consultas no Livro de Registro da Biblioteca<sup>19</sup>.

Outro fato que nos leva a comprovar nossa hipótese de que Fontoura produziu saberes elementares matemáticos e os fez circular no Instituto de Educação é o número de exemplares solicitados pelos professores dessa instituição na década de 1970 para fazer parte do acervo da Biblioteca.

Assim, de acordo com nossa pesquisa, sua produção foi extensa, sobretudo de manuais didáticos: publicou uma cartilha, quatro compilações de legislação educacional e dezenove manuais.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

De acordo com França (2016), Afro do Amaral Fontoura ficou responsável por produzir o programa de Aritmética de 1965 do Estado da Guanabara e isso evidencia que o docente exerceu uma função estatal para resolver um problema atuando na produção de um programa de ensino. O referido

<sup>19</sup> Material pertencente ao acervo do Centro de Memória do ISERJ, ainda não disponibilizado virtualmente.

professor tinha reconhecimento de seus pares e conhecimento sobre a profissão docente, uma vez que atuou na formação de professores primários do Instituto de Educação, como professor de instituições de nível superior como PUC/RJ, UERJ, USU, ECEME e, ainda, como presidente da Associação Brasileira de Educação (ABE). Tais fatos comprovam o conhecimento sobre o exercício docente e o reconhecimento entre os profissionais da educação.

Além disso, não podemos deixar de lado a grande produção de livros como autor, essa marca que o coloca como um autor polivalente, já que teve publicações em diferentes áreas, caracterizando a produção e sistematização de saberes.

Com relação aos saberes matemáticos elementares para ensinar, analisados em sua obra, Fontoura acompanha o ideário da Escola Nova, em relação aos métodos de ensino, em que se notam as estreitas relações da Psicologia com a Pedagogia, condicionando as atividades ao desenvolvimento das potencialidades dos alunos, com uso de diferentes recursos materiais em sala de aula para auxiliar o aluno em sua aprendizagem.

Consideramos que as produções de Fontoura, de um modo geral, tinham como centralidade orientar as ações do professor em sala de aula, um saber prescrito e instrumental. Assim, Fontoura produziu vários livros e manuais didáticos e pedagógicos que serviam para a formação de saberes para ensinar, ou seja, houve uma representação no ensino que foi construída, transformada e apropriada das ideias da Escola Nova.

A circulação dos conhecimentos produzidos por Fontoura é verificada a partir da documentação do Instituto de Educação, mas há também outros fatores para que essa circulação fosse efetiva, dentre elas: os autores dos manuais, em sua grande maioria, eram professores de escolas normais e gozavam de prestígio entre os futuros docentes; o número expressivo de edições atingido pela coleção auxiliava na aceitação das propostas reformistas; e a posição de poder ocupada por Fontoura, no momento das reformas.

Podemos compreender como fez circular os ideais escolanovistas com maior facilidade, por meio da publicação de vários textos sobre o ensino da Matemática, por trabalhar em locais de formação de professores, de constituição de *experts*.

Em síntese, o estudo acerca dessas questões aponta um saber objetivado por Fontoura na elaboração de orientações para ensinar aritmética na escola primária em tempos da Escola Nova no Brasil, influenciando na formação de professores primários em tal período. Reforçamos que sua trajetória profissional pode ter colaborado na circulação de suas ideias para o ensino de aritmética. Além disso, havia saberes objetivados relacionados a utilização de testes psicológicos no ensino de matemática para as series iniciais.

Desse modo, a partir das características estabelecidas ao longo do estudo, verificamos que Fontoura se enquadra na categoria de *expert* da matemática escolar em tempos da Escola Nova, haja vista sua formação sólida por meio de estudo e na prática da profissão, a elaboração de um saber objetivado, a grande circulação de suas propostas contidas em manuais didáticos e textos que influenciaram uma geração de educadores, tendo protagonizado ações que permearam a elaboração de políticas relacionadas à formação de professores.

## REFERÊNCIAS

BERTINI, Luciane de Fatima; MORAIS, Rosilda dos Santos; VALENTE, Wagner Rodrigues. **A Matemática a ensinar e a Matemática para ensinar**: novos estudos sobre a formação de professores. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

BORER, V. L. Les savoirs: un enjeu crucial de l'institutionnalisation des formations á l' enseignement. *In: R. H. et al. **Savoirs en(trans)formation**: au coeur des professions de l'enseignement et de la formation.* Bruxelles: Éditions De Boeck Université, 2009. p. 41-58.

CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes. **Coisas velhas**: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928 - 1958). São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados** [online]. 1991, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://bit.ly/2NlhCJh>. Acesso em: 28 jun. 2016.

CORREIA, A. C. L.; SILVA, V. B. Uma história de leituras para professores: manuais pedagógicos, formação docente e construção de identidades profissionais em Portugal e no Brasil (1930-1970). *In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL - COLE*, 14., Campinas, 2003. **Anais [...]**.

FONTOURA, Afro do Amaral. **Manual de testes**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1960.

FONTOURA, Afro do Amaral. **Metodologia do ensino primário**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1961.

FRANÇA, Denise Medina de Almeida. Biblioteca didática brasileira: o manual de testes e as propostas escolanovistas em cursos de formação de professores (1950-1970). **Rematec - Revista de Matemática, Ensino e Cultura**, v. 23, p. 38-51, 2016.

FRANÇA, Denise Medina de Almeida, VILLELA, Lucia Maria Aversa. Notícias do Rio de Janeiro: Aritmética, Geometria e Desenho no Ensino Primário (1890-1970). **JIEEM - Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática; IJSME - International Journal for Studies in Mathematics Education**. v. 8, n. 1, p. 155-176, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/34qzplo>. Acesso em: 15 jun. 2016.

GURGEL, Patrícia. **Professores-normalistas do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1930-1960)**: um estudo sobre trajetórias profissionais. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-FE/UFRJ), Rio de Janeiro, 2016.

HEMEROTECA Digital Brasileira. Acervo de jornais, periódicos e revistas da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bit.ly/2CiOuLo>. Acesso em: 15 abr. 2015.

HOFSTETTER, R.; SCHNEUWLY, B. Introduction. *In: HOFSTETTER, R. et al. (org.). **Savoirs en (trans)formation**: au coeur des professions de l'enseignement et de la formation.* Bruxelles: Éditions De Boeck Université, 2009. p. 7-40.

HOFSTETTER, R., SCHNEUWLY, B., FREYMOND, M. Penetrar na verdade da escola para ter elementos concretos de sua avaliação: a irresistível institucionalização do expert em educação (século XIX e XX). *In: HOFSTETTER, R.; VALENTE, W. R. (org.). **Saberes em (trans)formação**: tema central da formação de professores.* São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017. p. 55-112.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, p. 09-43, jan/jun. 2001.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Editora Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

MACIEL, Lizete Shizue Bomura; VIEIRA, Renata de Almeida; SOUZA, Fátima Cristina Lucas de. Afro do Amaral Fontoura: estudos, produções e a escola viva. **Revista HISTEDBR On-line**, n. 47, p. 232-250, set. 2012.

MARTINS, Angela Maria de Souza. Os anos dourados e a formação do professor primário no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1945-1960). **Teias**, n. 1, p. 56-65, 2000.

MULTIRIO. **A história da cidade do Rio de Janeiro**. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2oTOa10>. Acesso em: 10 mar. 2011.

SALVADOR, Marcelo Ferreira Martins. **O Ensino de aritmética na Escola Normal da cidade do Rio de Janeiro: 1889-1932**. 2017. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Programa de Pós- Graduação em Educação Matemática. Universidade Anhanguera de São Paulo.

SOUZA, Rosa Fátima. **Alicerces da Pátria: História da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976)**. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras, 2009.

TADEI, Gescielly B. da Silva. **A psicologia da educação nos manuais didáticos de Afro do Amaral Fontoura (Paraná, 1950-1970)**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

**UFSC - REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br>. Acesso em 19 jan. 2018.

VALENTE, Wagner R. História da educação matemática nos anos iniciais: a passagem do simples/complexo para o fácil/difícil. **Cadernos de História da Educação**, v. 14, n. 1, p. 357-367, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2Cs88Dj>. Acesso em 28 jul. 2016.

VALENTE, Wagner R. A matemática a ensinar e a matemática para ensinar: os saberes para a formação do educador matemático. *In*: HOFSTETTER, R.; VALENTE, W. R. (org.). **Saberes em (trans)formação: tema central da formação de professores**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017. p. 201-228.

VIDAL, Diana Gonçalves. Tecendo história (e recriando memória) da escola primária e da infância no Brasil: os grupos escolares em foco. *In*: VIDAL, D. G.(org.) **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2006.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos, A Primeira Escola Normal do Brasil. *In*: ARAUJO, J. C. S.; FREITAS, A. G. B.; LOPES, A. P.C. (orgs.). **As Escolas Normais no Brasil: do Império a República**. Campinas: Editora Alínea. 2008.

VILLELA, Lúcia Maria Aversa *et al.* Os *experts* dos primeiros anos escolares: a construção de um corpo de especialistas no ensino de Matemática. *In*: PINTO, Neuza Bertoni; VALENTE, Wagner Rodrigues (org.). **Saberes Elementares Matemáticos em Circulação no Brasil**. São Paulo: Editora Livraria Física, 2016. v. 1, p. 245-253.

---

**RECEBIDO EM:** 30 ago. 2019

**CONCLUÍDO EM:** 23 set. 2019

